

FACULDADE CATÓLICA PAULISTA

JEAN CARLOS DE CASTRO SILVEIRA SILVA

OS TRAPALHÕES

UMA JORNADA DE ALEGRIA E RECORDES QUE MARCOU GERAÇÕES

APARECIDA-SP

2024

JEAN CARLOS DE CASTRO SILVEIRA SILVA

OS TRAPALHÕES

UMA JORNADA DE ALEGRIA E RECORDES QUE MARCOU GERAÇÕES

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Jornalismo da Faculdade Católica Paulista como exigência parcial para a aprovação no curso de Jornalismo.

APARECIDA-SP

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço pelos quatro anos de aprendizado, desafios e crescimento chegaram ao fim, e é com profundo agradecimento que expresso minha gratidão à Faculdade de Bacharelado em Jornalismo. Este foi um período de descobertas, superações e, acima de tudo, de paixão pela arte de comunicar. Gostaria de estender meus agradecimentos a todos os professores e profissionais que compartilharam seu conhecimento e experiência ao longo dessa jornada acadêmica. Cada aula, orientação e conselho contribuíram significativamente para minha formação como jornalista.

Em especial, quero expressar minha gratidão à equipe responsável por orientar a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Falar sobre meus ídolos, Os Trapalhões, não foi apenas uma oportunidade de explorar meu amor pelo jornalismo, mas também uma maneira de homenagear aqueles que, de muitas formas, influenciaram meu percurso.

RESUMO

Este artigo busca desvendar a trajetória extraordinária dos Trapalhões, grupo humorístico que marcou a cultura brasileira nas décadas de 70,80 e 90. Focando em sua influência no cinema e na televisão, exploramos desde os recordes de bilheteria conquistados pelo quarteto até os picos de audiência televisiva, atingindo 90 pontos no IBOPE. Analisamos obras emblemáticas como "Saltimbancos Trapalhões", destacando suas atrações cinematográficas.

Investigamos a tentativa de reinvenção na década de 1990, após as perdas de Zacarias e Mussum, e a permanência do grupo na cultura brasileira através de reprises televisivas. Além disso, consideramos a importância social do quarteto, cujo humor acessível e suas abordagens de temas sociais trouxeram risos e reflexões para gerações de brasileiros.

Palavras-chave: Trapalhões. Cinema Brasileiro. Televisão. Humor.

ABSTRACT

This article seeks to unveil the extraordinary trajectory of "Os Trapalhões," a comedic group that left its mark on Brazilian culture in the 70s, 80s, and 90s. Focusing on their influence in cinema and television, we explore everything from the box office records achieved by the quartet to the peaks of television viewership, reaching 90 points on the IBOPE rating. We analyze emblematic works such as "Saltimbancos Trapalhões," highlighting their cinematic attractions.

We investigate the attempt at reinvention in the 1990s, following the losses of Zacarias and Mussum, and the group's continued presence in Brazilian culture through television reruns. Additionally, we consider the social importance of the quartet, whose accessible humor and approaches to social themes brought laughter and reflections to generations of Brazilians.

Keywords: Trapalhões. Brazilian Cinema. Television. Humor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 - OS TRAPALHÕES NO CINEMA	7
1.1 História e contexto	7
1.2 O Cinema Brasileiro: História e Evolução	9
1.3 Os Trapalhões: Da TV para o Cinema	10
CAPÍTULO 2 - OS TRAPALHÕES NA TELEVISÃO	16
2.1 Os personagens do grupo	16
2.2 O Sucesso dos Trapalhões	17
2.3 O Fim dos Trapalhões	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

Lista de figuras

FIGURA 1	10
FIGURA 2	13
FIGURA 3	21
FIGURA 4	22

1.INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar o impacto cultural do grupo humorístico Os Trapalhões na sociedade brasileira. Através de uma análise aprofundada de sua trajetória na televisão e no cinema, pretende-se compreender como o humor inocente e contagiante do grupo influenciou costumes, valores e comportamentos ao longo de décadas.

A pesquisa se debruça sobre a origem dos Trapalhões, desde sua formação nos anos 60 até o estrondoso sucesso do programa "Os Trapalhões" na TV Globo, que dominou as tardes de domingo durante mais de 10 anos. A análise dos filmes do grupo, como "O Trapalhão nas Minas do Rei Salomão" e "Os Saltimbancos Trapalhões", também será fundamental para entender a dimensão de seu legado cultural.

A relevância do estudo se justifica pela importância dos Trapalhões na história da cultura popular brasileira. Mais do que um grupo de humoristas, eles se tornaram símbolos da alegria e da descontração, influenciando gerações de artistas e moldando o humor nacional com sua irreverência e ingenuidade. A metodologia da pesquisa será de cunho qualitativo, com base em análise documental de textos, vídeos e imagens relacionados ao grupo. A pesquisa bibliográfica buscará embasamento teórico em autores que abordam o humor, a cultura popular e a comunicação.

A análise dos dados coletados permitirá identificar os principais elementos que caracterizam o humor dos Trapalhões, as temáticas abordadas em seus trabalhos e as diferentes formas de expressão utilizadas. Também será possível avaliar o impacto cultural do grupo na sociedade brasileira, considerando aspectos como a influência na linguagem popular, nos costumes e nos valores.

Espera-se que a pesquisa contribua para uma melhor compreensão do papel dos Trapalhões na cultura popular brasileira, reconhecendo seu valor como agentes de comunicação e sua importância na formação da identidade nacional.

CAPÍTULO 1 - OS TRAPALHÕES NO CINEMA

1.1 História e contexto

O cinema brasileiro, nascido em 1896, viveu uma rica trajetória. Começou com documentários e comédias mudas, passando pela era das chanchadas e dramas sonoros. O Cinema Novo marcou a vanguarda na década de 60, seguido pela diversificação de gêneros nas décadas seguintes. Hoje, o cinema brasileiro se consolida no mercado internacional, com premiações em festivais e diversidade de temas e estilos, refletindo a cultura e identidade do país.

Num discurso de 1934, "O cinema nacional, elemento de aproximação dos habitantes do País", Getúlio Vargas manifestou o seu desejo de "amparar" a "indústria cinematográfica nacional", apontando as virtudes propagandísticas e pedagógicas do cinema: um dos "mais úteis fatores de instrução de que dispõe o Estado moderno" (VARGAS, 1938, p. 187-188).

O discurso de Vargas em 1934 revela sua visão estratégica do cinema como ferramenta de Estado. As medidas propostas visavam fortalecer a indústria cinematográfica nacional, mas também instrumentalizá-la para fins propagandísticos e pedagógicos, alinhados com os objetivos políticos do governo. Essa visão, embora compreensível no contexto histórico da época, exige debate e reflexão sobre o papel do cinema na sociedade e a importância da liberdade de expressão artística.

Cientes da organização do futuro Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, bem como das vantagens que este novo órgão podia lhes oferecer, os produtores brasileiros entraram rapidamente em contato com a comissão encarregada de sua criação que, segundo relatório da Associação Cinematográfica de Produtores Brasileiros, estaria sendo assediada pelos distribuidores e exibidores que buscavam impedir o cumprimento da obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais de curta-metragem (ASS. Cinematográfica de Produtores Brasileiros, 1937, p. 71).

O cinema brasileiro, desde seus primórdios no final do século XIX, percorreu uma trajetória rica e diversificada. Das primeiras exhibições dos filmes dos irmãos Lumière em 1895, passando pela "Era de Ouro" na década de 30, até o Cinema Novo na década de 60, a sétima arte no Brasil se consolidou como um veículo de expressão cultural e artística de grande relevância.

Nesse contexto, a década de 70 foi marcada por uma efervescência cultural e social. O país vivia sob a Ditadura Militar, mas também experimentava um período de grande criatividade e inovação em diversas áreas, incluindo o cinema. Nesse cenário, surge um grupo de humoristas que conquistaria o coração do público brasileiro e revolucionaria o cinema nacional: Os Trapalhões.

No cenário cinematográfico, os Trapalhões estabeleceram recordes impressionantes de bilheteria. O filme "O Trapalhão nas Minas do Rei Salomão" é um exemplo marcante, atraindo mais de 5 milhões de espectadores e permanecendo, até hoje, entre os mais assistidos no Brasil. Outros sucessos como "Saltimbancos Trapalhões" consolidaram a posição do grupo como específico no cinema nacional.

A utilização de entradas⁴ clássicas de palhaços é o recurso circense mais importante dentre aqueles de que o quarteto lança mão. Outro elemento ressignificado pela obra *trapalhônica* talvez seja o paradoxo existente entre o corpo sublime dos atletas e o corpo grotesco dos bufões estabaneados. Se no picadeiro a exposição do grotesco pela palhaçadaria segue-se após a experiência sublime de presenciar o risco de acrobatas e trapezistas, no circo dos Trapalhões, a tensão das cenas de aventura e perseguição intercala-se às situações ridículas vividas pelos truões. Nesses casos, ao funcionar até mesmo como antídoto à tensão criada pela exposição a episódios de perigo iminente, o relaxamento provocado pelo riso valoriza e sedimenta a experiência do assombro precedente (BOLOGNESI, 2003)

1.2 O Cinema Brasileiro: História e Evolução

Em 19 de agosto de 1895, o Brasil se rendeu à magia do cinema com a exibição dos filmes dos irmãos Lumière no Rio de Janeiro. Desde então, a sétima arte brasileira trilhou uma trajetória rica e diversificada, marcada por inovações, desafios e grandes conquistas.

Após o deslumbramento inicial, o cinema brasileiro não tardou em dar seus primeiros passos. Cineastas como Alberto Ribeiro e Francisco Santos foram pioneiros na produção de documentários e filmes ficcionais, explorando temas como o folclore e a vida cotidiana do país. Na década de 20, o Cinema Paulistano despontou como um movimento vanguardista, com cineastas como Adhemar Gonzaga e Mário Peixoto realizando obras inovadoras e experimentais.

A década de 30 foi marcada pela "Era de Ouro" do cinema brasileiro. A criação da Cinédia, a primeira grande produtora nacional, impulsionou a produção cinematográfica e consolidou a indústria. Filmes como "Limite" (1931) de Mário Peixoto e "O Pagador de Promessas" (1962) de Anselmo Duarte, que conquistou a Palma de Ouro em Cannes, consolidaram o reconhecimento internacional do cinema brasileiro.

Na década de 60, o Cinema Novo surgiu como um movimento de ruptura estética e temática. Glauber Rocha, Paulo César Saraceni e Carlos Diegues foram alguns dos expoentes desse movimento que buscava uma linguagem cinematográfica própria e engajada com a realidade social e política do Brasil.

Em meio à efervescência cultural da década de 70, um quarteto de humoristas conquistou o coração do público brasileiro e revolucionou o cinema nacional: Didi, Dedé, Mussum e Zacarias, eternizados como Os Trapalhões. Seus filmes hilários e irreverentes, como "Os Trapalhões e o Mágico de Oróz" (1984) e "A Princesa Xuxa e os Trapalhões" (1989), dominaram as bilheteiras por mais de uma década.

Desde a década de 90, o cinema brasileiro vem se consolidando como um cenário plural e diverso. Novos talentos surgem a cada ano, explorando diferentes gêneros e temáticas. Filmes como "Cidade de Deus" (2002), "Tropa de Elite" (2007) e "Aquarius" (2016) conquistaram reconhecimento internacional e consolidaram a posição do cinema brasileiro no cenário global.

O futuro do cinema brasileiro é promissor. Com o apoio de leis de incentivo à cultura e a constante renovação de talentos, a indústria cinematográfica nacional segue em constante evolução, contando histórias que emocionam, divertem e refletem a realidade do país.

O cinema brasileiro é um retrato vibrante da cultura nacional. Desde seus primórdios até os dias atuais, a sétima arte brasileira se consolidou como um veículo de expressão cultural e artística de grande relevância, com um passado glorioso, um presente dinâmico e um futuro promissor.

1.3 Os Trapalhões: Da TV para o Cinema

A história dos Trapalhões começou em 1971, quando Renato Aragão, o Didi Mocó, e Dedé Santana se uniram no programa "Os Insociáveis – TV RECORD ", a dupla precisou de mais um integrante, músico dos Originais do Samba (Antônio Carlos- Mussum). A química entre os três era inegável, e logo conquistaram a simpatia do público.

Em 1974, Renato Aragão chamou Mauro Faccio, a integrar o grupo, na TV TUPI de São Paulo, lá foi apresentado o grupo como "Os Trapalhões", Didi, Dedé, Mussum e Zacarias. Audiência começou a incomodar a REDE GLOBO.

(FIGURA 01) PROPAGANDA DOS TRAPALHÕES NA ESTREIA NA TV TUPI



(Revista Manchete. 1974)

Em 1977, o Brasil vivia um momento de efervescência cultural. A televisão, ainda engatinhando, se tornava o principal veículo de entretenimento das famílias. E no cenário dominado pela Rede Globo, um novo programa estava prestes a revolucionar as noites de domingo: Os Trapalhões.

Até então, o quarteto formado por Didi, Dedé, Mussum e Zacarias reinava absoluto na TV Tupi. Com humor irreverente e esquetes cômicas, conquistavam a liderança de audiência com folga. Mas a Tupi, em crise financeira, não conseguiu segurar seus astros. Boni, o visionário diretor de programação da Globo, viu ali uma oportunidade imperdível.

Então entra no ar aos domingos às 19 horas, a grande estreia foi ao ar dia 13 de março de 1977, sendo campeões de audiência.

Eu fazia o programa "Os insociáveis", com o Dedé e o Mussum. Durou dois anos, depois fomos para a TV Tupi. Daí precisamos de mais um companheiro para o programa, de duas horas, aos sábados. Chamei o Mauro Gonçalves (Zacarias), e formamos o quarteto. Era difícil abastecer aquele horário todo. Então passaram o programa para o domingo. Pensei: "É o meu fim". A gente ia competir com o "Fantástico", da Globo. Ganhamos do "Fantástico". (Renato Aragão. Gazeta do Povo.1991)

Os Trapalhões abram juntos as bilheterias em 1978, com Didi, Dedé, Mussum e Zacarias com o filme: Os Trapalhões na Guerra dos Planeta, uma sátira do filme de sucesso do exterior, Guerra nas Estrelas (1977).

Anos atrás Renato Aragão, Dedé Santana e Mussum, já faziam sucesso com cinema. Com chegada do Zacarias o grupo revolucionou inúmeros filmes, foram recordes de bilheteria até a morte do Mauro Faccio Gonçalves (Zacarias) em março de 1990. Renato Aragão decidiu com os compromissos junto aos fãs seguirem a carreira com o trio "Didi, Dedé e Mussum".

As películas vão além das fronteiras sob o qual foram produzidas, através de personagens, contos, situações que dinamizam as barreiras políticas e culturais do mundo, resumindo, criando e recriando, significando e ressignificando um vasto conjunto de caracteres ainda que submersos em gritantes diferenças. Nesta perspectiva, a formação de um cinema compreendido como “colonial”, apresenta-se como uma realização palpável do ideal de uma determinada cultura que passa a construir seus heróis e vilões concretizando valores da cultura de onde provém (DE CICCIO, 1979: p.67).

Lançado em 1981, "Os Saltimbancos Trapalhães" se consolidou como um dos filmes mais clássicos do grupo humorístico brasileiro. Dirigido por J.B. Tanko e baseado na peça homônima de Sergio Bardotti e Luis Enríquez Bacalov, o longa-metragem conquista o público com sua mistura de humor inocente, músicas contagiantes e um toque de crítica social.

A trama gira em torno de Didi, Dedé, Mussum e Zacarias, quatro amigos humildes que trabalham em um circo decadente. Sem talento para as artes circenses, eles se tornam a atração principal por pura trapalhada. O sucesso inesperado desperta a inveja do mágico Mágico (Carlos Kurt) e a ganância do Barão (Paulo Fortes), dono do circo, que explora os amigos em sua ingenuidade.

O filme se destaca pela linguagem acessível e humor leve, características que marcaram a carreira dos Trapalhães. As piadas físicas e verbais, muitas vezes improvisadas, divertem adultos e crianças, criando um clima de descontração e alegria. A trilha sonora, composta por Chico Buarque, é outro ponto forte, com canções que se tornaram clássicos da música popular brasileira, como "Aquarela" e "Pirulito que Bate Bate".

"Os Saltimbancos Trapalhães" também apresenta uma crítica social sutil, abordando temas como a exploração dos trabalhadores, a ganância e a importância da amizade. O filme mostra como a união e a perseverança podem superar obstáculos e conquistar o sucesso, mesmo em meio a um ambiente adverso.

Mais do que um simples filme de comédia, "Os Saltimbancos Trapalhães" é uma obra que marcou época e continua a encantar gerações. Uma combinação perfeita de humor, música e crítica social que o torna um clássico atemporal do cinema brasileiro.

As cenas selecionadas foram descritas em forma de texto. Boa parte dos filmes do quarteto possui valores educacionais considerados pertinentes a serem analisados (para este trabalho utilizou-se apenas de um deles para análise). O presente artigo se constitui de fragmentos de uma dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB) defendida por este autor em 2007 com o título de: Os signos educativos presentes no cinema: uma análise dos filmes d'Os Trapalhães da década de 1980.

(FIGURA 2) CAPA DO FILME



Em uma época que filmes brasileiros não tinham espaço nas salas de cinema, pois havia o estigma das chamadas “pornô chanchadas”, Os Trapalhões ocupam uma lacuna e passam sua mensagem por meio da comédia, e o cinema é um dos melhores veículos para o diálogo com a população, visto a sua utilização como poderosa ferramenta política. Tornou-se emergente a consolidação do cinema popular de massa assentado no poder televisivo, ou seja, em consonância ao país que se modernizava. É de importância captar como esses filmes rearranjam as tradições, as matrizes culturais, como acionam, enfim, os elementos para se manter tanto tempo irrigando o imaginário infantil e popular. (RAMOS, 1995: 140)

Renato Aragão grande empresário do grupo que desde da década de 60 já fazia seus filmes com Dedé Santana.

Os Trapalhões têm até hoje recordes de bilheteria e assim deixaram seu legado de filmes no cinema:

1978

Os Trapalhões na Guerra dos Planetas

1979

O Rei e os Trapalhões

O Cinderelo Trapalhão

1980

Os Três Mosqueteiros Trapalhões

1981

O Mundo Mágico dos Trapalhões

Os Saltimbancos Trapalhões

1982

Os Trapalhões na Serra Pelada

Os Vagabundos Trapalhões

1983

O Trapalhão na Arca de Noé

O Cangaceiro Trapalhão

Atrapalhando a Suate

1984

Os Trapalhões e o Mágico de Oróz

A Filha dos Trapalhões

1985

Os Trapalhões no Rabo do Cometa

Os Trapalhões no Reino da Fantasia

1986

Os Trapalhões e o Rei do Futebol

1987

Os Trapalhões no Auto da Compadecida

Os Fantasmas Trapalhões

1988

O Casamento dos Trapalhões

Os Heróis Trapalhões - Uma Aventura na Selva

1989

A Princesa Xuxa e os Trapalhões

Os Trapalhões na Terra dos Monstros

1990

Uma Escola Atrapalhada

Xuxa e os Trapalhões no Mistério de Robin Hood

1991

Os Trapalhões e a Árvore da Juventude

CAPÍTULO 2 - OS TRAPALHÕES NA TELEVISÃO

2.1 Os personagens do grupo

Por detrás das fantasias:

Didi Mocó (Renato Aragão): Seu nome completo é Didi Mocó Sonrisal Colessterol Novalgino Mufumbbo, um esperto cearense com linguajar e aparência bastante cômicos, e que poucas vezes terminava as cenas com má sorte ou como perdedor, tanto enfrentando inimigos como seus próprios três companheiros. Apesar de ser o líder do grupo, em certas cenas é considerado pelos seus três companheiros como o membro de menor importância. Era apelidado de "cardeal" (por conta da tintura acobreada do cabelo de Renato a partir de 79), "cearense", "troféu de corrida de jégue", "alegria do jabá", "cabecinha" ou "cabeça-chata", referindo-se à sua condição de retirante nordestino. Didi estrelou o humorístico "Os Adoráveis Trapalhões"

Dedé (Manfried Sant'Anna): O "Galã da Periferia", era o que agia com mais seriedade e considerado o cérebro do grupo e o mais valente dos quatro, sendo uma espécie de "segundo no comando". Sua masculinidade era sempre ironizada por Didi, que criava apelidos como "Divino", "rapaz alegre" e "audácia da pilombeta". Dedé estava no elenco de apoio do humorístico "Os Adoráveis Trapalhões" até a fase da RecordTV em 1972, quando passou a ser definitivamente a escada do grupo. Foi ele quem sugeriu a entrada de Mussum ao grupo. A partir da década de 1990, o personagem passou a ser comilão, devido ao aumento de peso de Dedé.

Mussum (Antônio Carlos Bernardes Gomes): Um bem-humorado sambista carioca que tinha orgulho de dizer que era natural do Morro da Mangueira, uma favela

do Rio de Janeiro. Possuía um linguajar bastante peculiar, sempre empregando o "is" no final de quase todas as palavras, criando assim os bordões "cacildis" e "forévis". Sua maior paixão é a cachaça, a qual ele chama de "mé" ("mel"). Devido ao fato de ser negro, era sempre alvo de piadas e apelidos, como ser chamado ironicamente de Maizena por Didi, ou mesmo "azulão", "Mumu da Mangueira" ou "cromado". Faleceu em 29 de julho de 1994. Dedé trouxe Mussum ao grupo, ao lado do Didi. Mussum entrou no humorístico "Os Insociáveis" na fase da RecordTV.

Zacarias (Mauro Faccio Gonçalves): Um tímido e ingênuo mineirinho de Sete Lagoas com personalidade infantil, baixa estatura, uma risada inconfundível e voz bastante fina, como a de uma criança. Por ser calvo, sempre usava uma peruca e entrava em desespero se esta fosse retirada de sua cabeça (geralmente por Didi), revelando sua calvície. A partir de 1989, o personagem passou a ser chamado de Zacaria, sem o último 's'. O personagem estrelou o filme Deu a Louca nas Mulheres em 1977. Faleceu em 18 de março de 1990. Renato trouxe Zacarias ao grupo, completando assim ao lado de Dedé Santana e Mussum, a formação mais famosa dos Trapalhães em 1974, no humorístico "Os Trapalhães" na Rede Tupi.

O principal fator desse fenômeno de empatia junto ao grande público popular, no nosso entender, é a síntese das principais vertentes da comédia popular brasileira apresentada pela poética cômica do grupo. Os Trapalhães souberam sobrepor códigos de artistas e linguagens aportadas dos veículos mais díspares. Até porque, no Brasil, os limites entre Teatro, Circo, Música Popular, Rádio, Cinema, Revista e Televisão nunca foram estreitos (SALIBA, 2002).

2.2 O Sucesso dos Trapalhães

Os Trapalhães transcendem a simples definição de um grupo humorístico. Foram um fenômeno cultural que conquistou o Brasil e influenciou gerações com seu humor leve, inocente e contagiante. Na televisão, seus programas alcançavam índices de audiência estratosféricos, consagrando-os como um dos maiores sucessos da história da TV brasileira.

Início na TV Record: A jornada começou em 1971 na TV Record, com o programa "Os Insociáveis". O sucesso não demorou a chegar, mas o grupo buscava novos horizontes.

Consagração na TV Tupi: Em 1974, migraram para a TV Tupi, onde o programa ganhou o nome definitivo de "Os Trapalhões" e a formação clássica com Didi, Dedé, Mussum e Zacarias se consolidou. A audiência explodiu, rivalizando com programas dominicais de grande prestígio.

Dominando a TV Globo: Em 1977, foram contratados pela TV Globo, onde o sucesso se multiplicou. O programa dominou as tardes de domingo por quase duas décadas, alcançando picos de audiência inimagináveis, quebrando recordes e se tornando um marco na história da televisão brasileira.

Os dois especiais, que tiveram o nome de "Os Trapalhões – Especial", tinham um humor mais adulto, por conta do horário. O tom de comédia pastelão, a ação, o grande número de gags e a espontaneidade agradaram em cheio ao público, o que fez com que o quarteto ganhasse um programa semanal, que era apresentado aos domingos, às 19:00 h, imediatamente antes do Fantástico, e que possuía a formação de quatro integrantes permanentes, além de atores convidados. O programa também tinha outros atores fixos que não faziam parte do quarteto principal: Tião Macalé (que imortalizou o bordão "Ih! Nojento!"), Jorge Lafond (que satirizava os homossexuais), Emil Rached (o gigante atrapalhado de 2,23m), Carlos Kurt (o alemão de olhos esbugalhados e sempre mau-humorado), Felipe Levy e Roberto Guilherme (o Sargento Pincel), entre outros. Tal programa manteve sua ênfase na comédia de situação, por quase 13 anos. Depois, Os Trapalhões invadiram o cinema, batendo recordes de bilheteria com seus filmes.

Em 1981, agora sob direção de Adriano Stuart, Os Trapalhões já tinham um público notoriamente infantil, e foi nessa época que o quarteto alcançou grande repercussão, principalmente depois do sucesso que fizeram no Festival de Berlim. Tanto o público quanto os críticos passaram a ver Didi, Dedé, Mussum e Zacarias como os principais representantes nacionais da comédia infanto-juvenil. Em 1981, o programa exibiu o especial "Os Trapalhões – 15 anos", que ficou quase oito horas no ar, com 11 quadros e uma campanha em prol dos portadores de deficiência física.

Em 1982, o programa ganhava a direção de Oswaldo Loureiro e o público passou a assistir a gravação de alguns quadros no Teatro Fênix, no Rio de Janeiro, provavelmente devido à crença de que as pessoas se divertem muito quando assistem in loco a algum programa televisivo. Conforme Deleuze (1992: 93), “(...) pesquisas mostram que um dos espetáculos mais apreciados consiste em assistir a um programa de TV no estúdio (...)”.

Em maio do ano seguinte o programa iniciou uma nova fase com direção de Gracindo Júnior e redação de Carlos Alberto da Nóbrega. Além dos tradicionais sketches isolados, comédias teatrais bastante conhecidas foram adaptadas para o humor de Os Trapalhões. Shows eram gravados mensalmente com a participação do público e foram incluídas também gravações externas.

Sob direção de Paulo Araújo, a partir de 1984, o quarteto passou a usar bordões pela primeira vez, como “Acredite, mas não é” e “Dez, nota dez”, além dos que mais invadiram o dia-a-dia do brasileiro médio: “Ô da poltrona” e “Ô Psit!”. Em 1985, os humoristas gravaram uma série de 14 episódios, em Los Angeles e, a partir de 1986, o programa começou a ser direcionado mais ao público infantil, com quadros mais específicos para essa faixa de idade, e a usar de efeitos especiais.

Em agosto de 1986, Carlos Manga passa a dirigir Os Trapalhões, transformando os sketches, deixando-os menores e mais ágeis, tendo sempre uma ligação entre um quadro e outro.

Já em 1987, após o especial de 20 anos do grupo, Maurício Tavares assume a atração e insere quadros inéditos, além de humorísticos musicais, com a presença de cantores convidados. No ano seguinte, chega à direção geral Wilton Franco e Os Trapalhões ganham shows ao vivo com ampla participação do público em geral; o público infantil passou a receber ainda mais atenção, sendo criadas muitas brincadeiras, atrações e quadros voltados para essa faixa etária.

Em 1990, com a ausência de Zacarias, que falecera no dia 18 de março daquele ano, o humorístico foi reformulado. Agora, a atração era dívida em duas partes: a primeira, incluía atrações musicais, e a segunda, contava uma história completa no “Trapa Hotel”, onde cada trapalhão tinha uma função: Didi era o secretário-geral, Dedé era o secretário de esporte e lazer, e Mussum era o segurança. Nesse ano, ingressavam no programa o cantor Conrado (escrito com “dedé”), que figurava como o galã

do grupo e que ficou durante quatro anos e meio com Os Trapalhões, e sua esposa, Andréa Sorvetão – ex-paquita do Programa da Xuxa.

No ano de 1991, o programa passou por outra reformulação com a inclusão do rap, que mostrava um bairro típico de qualquer cidade grande, onde acontecia o show de algum cantor convidado e apresentavam-se novos quadros, como a “Oficina dos Picaretas” e “O filho do Computador”. Em abril de 1992, sob direção de Wilton Franco, estreou dentro do programa a “Vila Vintém”, que mostrava histórias ambientada numa rua do subúrbio, e a “Agência Trapa Tudo”. Didi era o vagabundo Bonga e acolhia a menina Tininha (Alessandra Aguiar), fugida de um orfanato; Dedé era o dono de uma oficina e Mussum, o mordomo de uma casa abastada. Em 1993, o programa, agora com direção de José Lavigne, sofreu grandes mudanças, entre elas a saída da platéia das gravações dos quadros. A nova estrutura foi dividida em duas partes: uma de sketches e uma história fixa com Renato Aragão e outros atores.

A comédia "Nos Cafundós do Brejo" se passava na caatinga nordestina e recebia tratamento de história em quadrinhos: cenários chapados; cores fortes; enquadramento característico; cortes bruscos de um plano para outro, sem se preservar a continuidade; ênfase na expressão facial e gestual; tratamento gráfico, privilegiando a imagem em detrimento do texto.

Os Trapalhões, já sem Mussum, falecido em 29 de julho de 1994, deixaram de gravar e passaram a ser reprisados pela Globo, voltando às tardes de domingo ainda com sucesso. Posteriormente, Renato Aragão e Dedé Santana voltaram a atuar na TV, porém sem refazer a dupla. Contudo, Os Trapalhões já faziam parte da História do Humorístico do Brasil e até entraram no Guinness World Records Book (Livro Guinness de Recordes Mundiais) como o programa humorístico de maior duração da TV, tendo 30 anos de exibição. (Wikipédia, 2005)

2.3 O fim dos Trapalhões

Em 18 de março de 1990, falecia Mauro Faccio Gonçalves aos 56 anos, vítima de insuficiência respiratória na Clínica São Vicente no Rio de Janeiro.

Os jornais da época soltava inúmeras matérias para saber qual seria a definição do programa Os Trapalhões.

(Figura 3) contigo maio de 1990 – Editora Abril

O FIM DOS TRAPALHÕES



FOTO: ROBERTO CERQUEIRA

Dedé, Didi e Mussum pretendem fazer os Trapalhães desaparecerem aos poucos do vídeo.

Depois da morte do
companheiro Zacarias,
os atores perderam
a vontade de prosseguir.

Este pode ser o último ano dos Trapalhães. Quem deu a má notícia aos jornalistas foram os próprios integrantes do ex-quarteto, durante uma apresentação em um circo de São Paulo. Os comediantes que há mais de vinte

O grupo continuou seguindo, por mais que público e os integrantes estavam sentindo falta do Zacarias (Mauro Faccio), eles tiveram força para continuar.

Em 29 de Julho de 1994 outra perca para público, falecia aos 54 anos Mussum após um transplante de coração, no Hospital da Beneficência Portuguesa, em São Paulo.

(Figura 4) VELÓRIO DO MUSSUM 30 DE JULHO 1994

REVISTA MANCHETE

O adeus a MUSSUM



Renato Aragão e Dedé Santana, embora inconsoláveis, não deixaram de dar atenção aos baixinhos presentes ao velório de seu grande companheiro. Nenhum deles quer arriscar previsão quanto ao futuro dos Trapalhões. As cores da escola de samba de Mussum — verde-e-rosa — também não faltaram neste sentido e último adeus.

O humorista Antônio Carlos Bernardes Gomes, o Mussum, de 53 anos, perdeu a luta pela vida. Depois de ter se submetido a um transplante de coração no dia 12 de julho, no Hospital Beneficência Portuguesa, em São Paulo, devido a uma miocardiopatia dilatada, ele não resistiu e morreu na madrugada do dia 29 em consequência de septicemia generalizada. Seu

corpo foi enterrado no Cemitério de Congonhas, na capital paulista, e centenas de pessoas, entre elas muitas crianças, compareceram ao velório para homenageá-lo.

O drama de Mussum começou há um ano quando descobriu que sofria de miocardiopatia dilatada. De lá para cá seu coração aumentou quase quatro vezes de tamanho, com um comprometimento de 70% das fun-

ções. Diante desse quadro grave, o médico Sérgio de Almeida Oliveira não teve outra alternativa: o transplante era a única saída para o humorista. A cirurgia ocorreu no dia 12, quando o funcionário público Darlington Fonseca de Miranda, de 23 anos, teve morte cerebral após um acidente de moto. A família concordou em doar os órgãos e o transplante foi realizado. Três dias depois, no entanto, Mussum teve que ser operado novamente devido a formação de coágulos sanguíneos. Apesar de não apresentar sinais de rejeição, seu quadro começou a complicar com uma infecção pulmonar e em seguida com insuficiência renal, o que obrigou a equipe a submetê-lo a hemodiálise constante. Com os medicamentos dados para evitar a rejeição do coração, diminuiu a resistência do organismo, e ele ficou mais vulnerável. Na noite do dia 28 seu estado de saúde se agravou, e às 2h45min do dia seguinte Mussum teve falência de vários órgãos.

A despedida de um sambista

Logo após a morte de Mussum, dezenas de pessoas e fãs do artista começaram a chegar de vários cantos da cidade. A princípio, todos esperavam que o corpo fosse levado para o Rio de Janeiro, onde nasceu, mas seus filhos, Augusto César, Antônio Carlos e Alessandro, decidiram velá-lo e enterrá-lo em São Paulo. O corpo foi levado do hospital para o cemitério às 13 horas, onde centenas de pessoas já o aguardavam. Não houve tumultos e a própria família organizou a fila dos fãs para a despedida. Um ônibus do Rio de Janeiro trazendo sambistas da Mangueira chegou às 16h40min.

Mais de 30 anos após o fim do programa, os Trapalhões ainda despertam uma saudade profunda no coração de milhões de brasileiros. As crianças que se divertiam com Didi, Dedé, Mussum e Zacarias, hoje pais de família, carregam consigo a lembrança de um humor inocente e contagiante que marcou suas infâncias.

O quarteto, que estreou na televisão em 1977, conquistou o país com suas trapalhadas, bordões inesquecíveis e personagens cativantes. Didi, com seu jeitinho atrapalhado e frases como "ô de casa!", era o líder da turma. Dedé, o galã do grupo, encantava com suas canções e charme. Mussum, com seu humor peculiar e bordões como "Cacildis!", era a personificação da alegria. E Zacarias, o atrapalhado mais querido do Brasil, divertia com suas frases sem sentido e quedas hilárias.

Os Trapalhões não se limitavam ao humor. Através de suas aventuras, ensinavam valores importantes como amizade, companheirismo e respeito. Além disso, abordavam temas sociais de forma leve e divertida, conscientizando o público sobre questões importantes.

O legado dos Trapalhões é eterno. Seus programas continuam sendo reprisados e as novas gerações se divertem com as mesmas piadas que marcaram seus pais. Mais do que um grupo de humoristas, os Trapalhões foram uma família que entrou para a história da televisão brasileira e conquistou um lugar especial no coração de todos que os assistiram.

3. Considerações finais

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve como objetivo analisar o impacto cultural do grupo humorístico Os Trapalhões, composto por Renato Aragão ("Didi"), Dedé Santana, Antônio Carlos ("Mussum") e Mauro Faccio ("Zacarias").

Através da pesquisa, foi possível identificar como o humor leve, inocente e contagiante do grupo marcou a infância de diversas gerações, transcendendo o rótulo de simples comediantes e se tornando um marco cultural na história do cinema e da televisão brasileira. O estudo abordou a trajetória de Os Trapalhões desde sua formação em 1974 até o fim do programa na TV Globo em 1995. Foram analisados os elementos que contribuíram para o sucesso estrondoso do grupo, como o humor acessível, a identificação do público com os personagens, a capacidade de se reinventar e a constante presença na cultura popular. A pesquisa também investigou o legado de Os Trapalhões na sociedade brasileira. Através da análise de entrevistas, artigos acadêmicos e reportagens, foi possível concluir que o grupo influenciou o humor nacional, inspirou novos comediantes e contribuiu para a formação da identidade cultural brasileira.

O TCC conclui que Os Trapalhões foram mais do que um grupo humorístico. Eles foram um fenômeno cultural que marcou a infância de milhões de brasileiros e influenciou a sociedade de forma significativa. O humor inocente e contagiante do grupo continua a encantar e divertir crianças e adultos, consolidando o legado de Os Trapalhões como um dos maiores ícones da cultura popular brasileira.

Referências

ALVES, J. M. (2014). **Os Trapalhões** e a indústria cinematográfica brasileira: Uma análise do discurso e da imagem. Dissertação de Mestrado, **Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"**, São Paulo, SP, Brasil.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Trapalh%C3%B5es (acessado dia 20/12/23 às 15:46)

Livro do Mussum - Mussum forévis: Samba, mé e trapalhões (Juliano Barreto, 2014)

Cinema no Brasil : https://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_do_Brasil (Acessado 01/02/2024 às 18:35)

Ô PSIT – Cinema popular dos Trapalhões p.14. p.05. p.10. p.30 (FátimaMarlei, 1996)

REVISTA MANCHETE – 06/08/1994 (MORTE DO MUSSUM, p.14. p.15)

REVISTA CONTIGO – 10/05/1990 (FIM DOS TRAPALHÕES, p 05)

DOCUMENTÁRIO RETRATOS BRASILEIROS: DIDI, dirigido por Sérgio Rossini e exibido pelo (Canal Brasil em 07 ago. 2004).

DOCUMETÁRIO RETRATOS BRASILEIROS: MUSSUM, dirigido por Sérgio Rossini e exibido pelo (Canal Brasil em 31 jul. 2004).

Revista Amiga – (Leilane Neubarth,1986)

Renato Aragão: **Do Ceará para o Coração do Brasil**, p.25. p.27. p.32 (2017)

